

5. Síria

O objetivo principal deste capítulo é o de compreender a motivação da Federação Russa para a sua atuação no atual cenário de crise na Síria. O argumento defendido aqui é o de que a Rússia bloqueia qualquer ação ocidental na Síria não apenas por questões ligadas à Síria, como o seu histórico de interação, ou interesses materiais na região. A pesquisa envolvida neste capítulo tentará sustentar o argumento de que a atual postura da Rússia na Síria está mais conectada com o seu relacionamento histórico com o Ocidente. Especialmente após a avaliação do caso da Líbia.

Após a realização de pesquisa acerca dos casos da Líbia e da Síria, detectou-se que possuem características bastante semelhantes em sua relação com a URSS e mais tarde com a Rússia, ou seja, ambas são aliadas históricas. Além disso, os dois países, nos últimos anos, também desfrutaram de relação semelhante em termos comerciais e políticos com a Rússia, em franca expansão, na verdade. Ou seja, a Líbia, serviu como um parâmetro para a avaliação do posicionamento russo na Síria. Como visto anteriormente, dadas as condições do relacionamento da Rússia com a Líbia e com a Síria, as similaridades são muitas. Demonstrou-se que, o relacionamento da Rússia com a Líbia, que no momento da intervenção, estava em um momento de desenvolvimento notável, não a fez vetar a resolução 1973 no Conselho de Segurança, apesar da possibilidade de perdas materiais. Dessa forma, defende-se que a Rússia, tentando, em alguma medida, reconquistar seu papel de grande potência no cenário internacional atual percebe o Ocidente como uma ameaça.

A primeira seção se propõe a tratar da relação entre a Rússia, anteriormente, União Soviética, com a Síria, a fim de tentar compreender o histórico entre essas partes. A finalidade é tentar entender se o relacionamento histórico entre Rússia e Síria pode estar afetando o posicionamento russo no conflito.

A seção seguinte trata dos antecedentes históricos do Estado da Líbia e do conflito em si. O objetivo é compreender seus desdobramentos e as motivações para uma intervenção.

A postura internacional, com efeito, a atuação da ONU, e, mais especificamente as deliberações do Conselho de Segurança das Nações Unidas serão observadas na seção 5.3. Nesta subdivisão do capítulo também se colocará a posição da Rússia diante das deliberações da comunidade internacional, ou de suas tentativas. Aqui será salientada a ajuda da Rússia à Síria, e suas motivações para tanto, com a análise dos discursos a esse respeito.

A seção 5.4 se disporá a compreender a construção da identidade e dos interesses russos com relação ao Ocidente a partir de eventos históricos analisados. A demonstração da interação entre essas partes será crucial para a compreensão da posição da Rússia no conflito na Síria na seção 5.5.

5.1 Relação Histórica

A relação entre Rússia e Síria não é recente. Os laços que unem essas duas partes podem ser remontados ao período da Guerra Fria, quando a Rússia ainda era parte da União Soviética e tornou-se herdeira jurídica da URSS. Desde, pelo menos, a década de 1950, a URSS e a Síria mantiveram relações próximas e por isso a importância de se compreender um pouco melhor acerca desta relação histórica, tendo em vista que a Síria era parceira próxima da URSS, uma de suas esferas de influência.

Essa parceria de tantos anos pode iluminar de alguma forma o porquê da atuação russa do atual cenário de crise na Síria, sua motivação para bloquear ações Ocidentais no país, mesmo diante do que vem sendo caracterizado enquanto uma crise humanitária. Há quem garanta que a atuação da Federação Russa na Síria se deve a fatores comerciais, como seus contratos substanciais de venda de armamentos para Damasco, ou para defender o porto de Tartus, que chamarei aqui de interesses materiais. Ou ainda, alguns analistas defendem que a ajuda russa à Síria se dá em decorrência, do que chamarei de fatores ideacionais, como a

solidariedade, do que alguns chamam, entre ditadores, ou por conta do medo russo de que o exemplo da primavera árabe alcance a já conturbada região da Chechênia. Há ainda a hipótese a ser defendida aqui de que a Rússia está tomando as decisões de uma forma a se conformar enquanto uma grande potência, como fora a URSS, e por isso está defendendo sua esfera de influência. Uma melhor compreensão da atual situação, considera-se aqui, que possa ter início com uma análise histórica da relação entre Moscou e Damasco.

5.1.1 URSS – Síria

Dentro do contexto de Guerra Fria, sabe-se que havia, com raríssimas exceções, três opções para a ação dos Estados, a primeira era se alinhar com os Estados Unidos, a segunda era se alinhar com a União Soviética e a terceira era fazer parte do movimento dos países não alinhados. Nessa conjuntura, fazer parte da COMECON, por exemplo, implicava diretamente em ser um inimigo dos Estados Unidos, mas as decisões precisavam ser feitas.

O processo de aproximação entre a Síria e a União Soviética tem início, mesmo que não fosse ainda uma relação muito forte, em 1946 quando a Síria se torna independente. Naquele momento, a URSS concede ajuda à Síria para que o país consiga construir um exército nacional, em um pacto secreto entre as partes, e ainda complementa o pacto com a promoção de laços econômicos e culturais. Em 1950, há mais um pacto de não-agressão entre Damasco e Moscou (GINAT, 2000, p. 156).

Sendo assim, durante a Guerra Fria, mais precisamente em 1955, a relação entre a Síria e a URSS começa a tomar um corpo mais robusto. Inicialmente, a relação entre essas partes parecia não ter uma agenda muito clara. O que fazia a Síria e a União Soviética, de alguma forma, realizarem parcerias era apenas o sentimento anti-Estados Unidos e a antipatia por Israel. Em 1955, a União Soviética convida a Síria e o Egito para realizarem um pacto pró-URSS, que é aceito, e por conta disso, nos anos, seguintes, eles receberam ajudas milionárias da União Soviética, a fim de garantir que a Síria e o Egito não pendessem para a esfera de influência norte-americana. Os soviéticos careciam de esferas de

influência no Oriente Médio, afinal, Israel, Irã (até 1979), Arábia Saudita e Turquia já eram aliados dos Estados Unidos na época (SHARNOFF, 2009).

A estratégia soviética era apoiar não apenas governos que se identificassem com o comunismo, mas também governos nacionalistas, como era o caso da Síria. Dessa forma, a URSS ampliava seu escopo de influência apoiando, por exemplo, movimentos árabes nacionalistas, por serem movimentos de auto-determinação. O pan-arabismo na Síria, particularmente, tinha tanto um apelo de união nacional, quanto um apelo socialista intenso (DEVLIN, 1991, p. 1404).

No entanto, a década de 1960 talvez possa ser considerada mais próspera na relação entre a União Soviética e a Síria. Em 1967 tem início e fim a Guerra dos Seis Dias, culminação de um momento de grande tensão no Oriente Médio, e, além disso, uma boa oportunidade para os soviéticos apoiarem a Síria na empreitada. Sendo assim, ao denunciar Israel na ONU e se manter ao lado da Síria, a URSS garante sua influência na região. Após o curto conflito, a União Soviética provê, entre 1967 e 1968 2.5 bilhões de dólares em ajuda militar à Síria, mesmo arriscando deteriorar ainda mais a sua relação com os Estados Unidos (SHARNOFF, 2009).

A década de 1960 pode ter sido das mais oportunas tanto para a Síria quanto para a União Soviética, afinal, após a chegada do partido Ba'ath ao poder, mais do que nunca o regime carecia de legitimidade e apoio, a URSS poderia se reafirmar na região (GINAT, 2000, p. 157).

Em meados da década de 1960 o regime sírio carecia de aliados, afinal Hafez al-Assad chegara ao poder com ideais nacionalistas de esquerda para pôr fim às clivagens internas do país através de um golpe. Nesse momento, apesar de al-Assad conseguir, de certa forma, suprimir as diferenças dentro da Síria, o ressentimento da maioria sunita, que já era marcante nos períodos anteriores, se torna ainda maior com um alawita no governo do país. Apesar de a Síria, na década de 1960 ter se declarado pró-movimento dos não alinhados, mais tarde ainda na mesma década o regime sírio se declarava anti-imperialista e considerava o socialismo positivo (2000, p. 158).

Na década de 1960, a relação Síria-URSS se tornaria mais proeminente no âmbito econômico, a partir de 1963 a União Soviética se torna o segundo maior comprador de algodão e lã da Síria, e desde 1965 aparece como o maior comprador da Síria. A partir de 1963, apesar de um breve momento de indecisão da União Soviética com relação à Síria, por conta de o partido Ba'ath ter chegado ao poder, a reformulação de algumas das ideologias do partido acaba por agradar aos soviéticos. Nem sempre o partido Ba'ath tivera em seu embasamento ideológico princípios esquerdistas, e por isso a desconfiança soviética quando este chega ao poder na Síria. Outra questão que faz a URSS se aproximar ainda mais da Síria, e confiar mais em seus princípios e o fato de, a partir de 1965, o regime sírio ter nacionalizado centenas de empresas presentes em seu território, o que demonstrava que a parte direitista do partido havia sido minimamente suprimida (GINAT 2000, p. 159).

Contudo, cabe sublinhar, que o comportamento soviético em 1967, ao apoiar, arriscadamente, a Síria em detrimento de Israel, o que poderia ter acirrado os ânimos no Oriente Médio, pode ser considerado coerente, afinal, o partido Ba'ath, na Síria, já havia se estabelecido, enquanto um partido voltado ao esquerdismo. Durante o conflito de 1967, o comportamento da União Soviética fora arriscado, pois nenhuma das superpotências almejava uma guerra ampla no Oriente Médio. No início do enfrentamento, a URSS buscou resolve-lo junto aos Estados Unidos e às Nações Unidas no Conselho de Segurança para que houvesse um cessar fogo. Na verdade, o comportamento a União Soviética que antecede o início do conflito entre Síria e Israel pode ser considerado bastante moderado, apesar de desde 1966 a Síria ter realizado diversas reclamações sobre Israel (MCINERNEY, 1992, p. 270).

Entretanto, não havendo resposta positiva por parte de Israel que continuava a dar prosseguimento as hostilidades direcionadas à Síria, a União Soviética ameaçara realizar uma intervenção unilateral. Ainda assim, quando a situação entre Síria e Israel se tornam mais problemáticas, como em 7 de abril de 1967 com o incidente aéreo entre os dois países, a URSS somente se pronuncia em 21 de abril do mesmo ano, e mesmo assim de forma muito branda e não específica (1992, p. 271).

As relações entre Síria e União Soviética parecem ter se estabelecido de forma mais vigorosa após o golpe que levou Hafez al-Assad ao poder na Síria na década de 1970. Logo que Hafez chega ao poder, a União Soviética parabeniza o pretense avanço do país em direção ao socialismo, ainda mais que o golpe de Hafez lograra em colocar um ponto final ao processo revolucionário que estava se instaurando no país há algum tempo, e que ameaçava a solidez da sociedade síria. Nesse momento, a relação entre União Soviética e Síria que parecia estar fatigada no anos anteriores, passou por uma recarga positiva (GLOBAL SECURITY).

Com a chegada de Hafez ao poder, ele se concentrara em sua política externa, em garantir o apoio da URSS, que por sua vez queria garantir que o novo regime sírio implementasse reformas de cunho esquerdista no país. Externamente, o governo alawitas deveria se comportar de maneira anti-Occidente, e internamente deveria implementar o socialismo. De acordo com Ginat, a União Soviética possuía grandes preocupações com relação ao novo regime sírio e por isso o apoiava. Aquela era a primeira vez que a Síria seria governada por uma minoria religiosa, os alawitas, o que deixaria o regime enfraquecido, pois a maioria sunita do país não os apoiaria, e, portanto, o governo de Assad apenas contaria com os militares para manter-se no poder.

Com a falta de apoio ao regime recém chegado, a URSS, por sua vez, temia, que sua falta de legitimidade abrisse as portas para o liberalismo Ocidental entrar na Síria. Além disso, a União Soviética achou que apoiando a Síria em um momento tão crucial de sua história levaria a penetração comunista no país, e mais do que isso, os soviéticos temiam que se não agissem rapidamente apoiando a Síria, os chineses chegariam antes e ganhariam a Síria (GINAT, 2000, p. 159).

Durante a década de 1970, a relação entre União Soviética e a Síria fora bastante próxima e lucrativa, especialmente para o regime sírio de Hafez al-Assad. Entre 1971 e 1972 a União Soviética proveu cerca de 135 milhões de dólares em armamentos para Damasco. A relação, de alguma forma, também seria lucrativa para Moscou, que após um acordo com a Síria ganhara a possibilidade de ter um porto em Tartus. Após a crise com Israel em 1973, na qual o Egito e a Síria saíram como os perdedores, a URSS se propôs a repor todo o material bélico de ambos que tinha sido destruído. Em retorno, a Síria prometera à União Soviética que não

se viraria em favor dos Estados Unidos. Entretanto, em 1975, houve uma fratura entre Moscou e Damasco por conta da atitude do regime de Assad no Líbano (SHARNOFF, 2009).

Os problemas entre Síria e União Soviética se tornaram ainda mais evidentes com a chegada da era Gorbachev. Enquanto, durante a maior parte da década de 1970 a União Soviética fora uma grande provedora de material bélico à Síria, a década de 1980 já demonstra profundas mudanças no relacionamento entre essas partes. Já em 1985, Gorbachev demonstra que a política externa soviética com relação à Síria seria diferente dos anos anteriores, pois tão logo demonstra ao regime sírio que não iria suprir a Síria com armamentos a fim de que o país atingisse paridade militar com Israel.

O novo pensamento de Gorbachev, e a melhoria nas relações entre URSS e Estados Unidos fariam com que o novo líder soviético dedicasse críticas à política externa soviética dos anos anteriores. Nesse sentido, Gorbachev se mostrara crítico ao provisionamento de armas para conflitos no terceiro mundo, por exemplo, o que faria a Síria ter problemas em angariar armas com a URSS. A Síria, que ocupava a posição de maior recipiente de ajuda financeira da União Soviética sofreria grandes cortes (SHARNOFF, 2009).

Desse modo, a busca de Gorbachev por resolver, junto aos Estados Unidos o conflito árabe-israelense, leva a cortes no provisionamento de armas para a Síria, que seria um grande obstáculo no processo de paz. Além disso, a nova orientação econômica sob a administração de Gorbachev imporia naturalmente gastos, que seriam considerados desnecessários, como em novos armamentos, por exemplo, tendo em vista a sua política de pacificação, especialmente no Oriente Médio (HANNAH, 1989, p. 3).

O esfriamento da Guerra Fria com a chegada de Gorbachev, e, por conseguinte, o esfriamento das relações entre a União Soviética e a Síria não agradou a Hafez al-Assad. Não somente Assad esteve insatisfeito com Moscou por sua conduta apaziguadora com relação à Israel, seu conhecido desafeto, mas também porquê a URSS começou, em meados da década de 1980 a cobrar da Síria o pagamento de todas as suas dívidas, tornando a relação mais severa. Mais um motivo para o afastamento entre Moscou e Damasco fora a recusa soviética

em entregar à Síria um carregamento de armas, em fins da década de 1980 (The Economist, 1988).

Com a dissolução da União Soviética em 1991, a Síria deixou de receber ajuda financeira e material bélico, e, portanto, voltou-se para os Estados Unidos. Contudo o seu apoio a grupos radicais como o Hamas e o Hezbollah, a parceria não aconteceu (SHARNOFF, 2009).

5.1.2 Rússia – Síria

Desde o desmantelamento da União Soviética, as relações entre a Rússia, herdeira soviética e a Síria foram mantidas de forma esfriada. A primeira visita realizada por Hafez al-Assad à Rússia após o fim da União Soviética fora em 1999. Yeltsin receberam o governante sírio e logo coloca o tom da visita: Assad era um grande e antigo amigo da Rússia. Apesar de o encontro entre os líderes dos dois países não ter gerado nenhum acordo econômico ou militar como costumava acontecer nas décadas anteriores quando Assad visitava a URSS, o encontro se mostrou promissor em termos políticos. Para a Síria, manter laços com a Rússia se mostra interessante muito em decorrência da alta dívida que Damasco sustenta junto à Moscou. Em termos políticos, Assad e Yeltsin demonstraram o desejo de se manterem próximos, afinal seria lucrativo para as duas partes, especialmente para a Rússia que tinha em Damasco um dos poucos aliados no Oriente Médio (RECKNAGEL, 1999).

Desde 1999 as relações entre Síria e Rússia não se romperam, mas também não se estabeleceu de forma privilegiada que relembresse a relação dos dois durante a Guerra Fria. Dessa forma, o segundo contato mais próximo entre Rússia e Síria viria a ser a partir de 2005 quando o filho de Hafez al-Assad, Bashar al-Assad já se encontra no poder da Síria desde a morte de seu pai em 2000 e realiza uma visita à Rússia (World News Australia, 2012).

A partir da visita de Bashar al-Assad à Moscou em 2005, as relações entre Rússia e Síria que andavam esfriadas nos primeiros cinco anos do mandato de Vladimir Putin, melhoraram drasticamente. O encontro entre Assad e Putin em 2005 teve um tom reconciliador. Neste mesmo encontro o principal assunto entre

os líderes dos dois países fora novos acordos de venda de armamentos, mas a questão a imensa dívida síria com a URSS que a Rússia herdara também esteve em pauta. Em 2005, o acordo entre Rússia e Síria incluía a venda de sistemas de defesa Iskander-E, TOR-M1 e mísseis anti-tanque (World Tribune, 2005). Entretanto, de acordo com dados atualizados do SIPRI, até 2012, mesmo após muitos contratos de venda de armamentos russos à Síria, este país não se configura entre os maiores compradores de armas russas. Ainda de acordo com o SIPRI, países como Argélia, China, Egito, Índia, Irã, Malásia, Venezuela, Vietnã e Iêmen se encontram como os maiores exportadores de material bélico russo, todos esses se encontram listados na frente da Síria.

Nesta visita um dos principais acordos entre os dois líderes tratava da venda dos sistemas de mísseis anti-aéreos por parte da Rússia à Síria, Igla e Iskander-E. O assunto se tornou uma questão internacional, pois a Síria era acusada de fornecer apoio a grupos terroristas radicais, e por isso houve certa comoção internacional para que o acordo não fosse concluído pelas partes, apesar de a Síria clamar que os sistemas seriam utilizados para fins defensivos (BLANK, 2005).

Outro tópico relevante no encontro entre Assad e Putin fora a questão da dívida que a Síria sustenta junto à Rússia desde a Guerra Fria, e parece ser incapaz de saldar. Tendo em vista que a venda dos sistemas de defesa para a Síria fora cancelado, Assad não sairia de mãos vazias de sua visita à Rússia, sua primeira desde que chegara ao poder na Síria, em 2000. Dessa forma, sua dívida com a Rússia de, aproximadamente, 14,5 bilhões de dólares teve 73% perdoadada e uma nova linha de crédito para a compra de armamentos russos fora aberta. Mais um episódio marcara esse encontro, o fato de o chanceler russo ter defendido a Síria e declarado que o regime sírio não apoiava terroristas.

À época deste encontro alguns analistas afirmavam que a parceria entre Moscou e Damasco, mesmo que houvesse tentativas de ambas as partes, não voltariam a ser como durante a Guerra Fria. A motivação para isso estaria dentro do espectro das novas relações estabelecidas pela Rússia com os Estados Unidos, por seu envolvimento na tentativa de resolução do conflito árabe-israelense, e do

estabelecimento de boas relações com Israel que poderiam ser danificadas caso a Rússia estabelecesse uma relação muito próxima à Síria (BLANK, 2005).

Apesar de todas as perspectivas negativas no que tange a relação entre Síria e Rússia, ela parece ter se desenvolvido, pelo menos no setor de comércio de armamentos. O relacionamento entre os dois países começa a dar sinal de que de fato iria prosperar, mesmo contra todas as dificuldades já apresentadas. A prosperidade no relacionamento pode ser, minimamente, percebida pelos números de venda de armamentos crescente disponíveis no SIPRI (*Stokholm International Peace Research Institute*) demonstradas na tabela a seguir.

TIV of arms exports from Russia, 1997-2012																	
Generated: 13 June 2013																	
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.																	
Figures may not add up due to the conventions of rounding.																	
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m																	
For more information, see http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background																	
Source: SIPRI Arms Transfers Database																	
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Total
Syria		20	23	9	8	25	25	5	15	26		46	73	268	312	376	1231
Total	3203	2047	4231	4168	6043	5765	5428	6194	5196	5156	5608	6710	5877	5974	8620	8003	8822 2

Apesar dos esforços dos governos da Síria e da Rússia em se aproximarem, as diferenças entre ambos eram bastante evidente em questões sensíveis como a questão do conflito entre Palestina e Israel. De acordo com Katz (2006), a resolução do conflito entre Palestina e Israel era de suma importância para a Rússia, se conformava enquanto uma questão geopolítica e de demonstração de influência em uma questão dominada, basicamente, pelos Estados Unidos. Por ser uma questão tratada quase que inteiramente pelos Estados Unidos, era uma questão de grande relevância para as relações internacionais, e por isso a Rússia queria fazer parte das tomadas de decisões nesse aspecto. Afinal, a Rússia, perseguindo o objetivo de ser uma grande potência deveria estar envolvida nas grandes decisões.

O conflito entre Palestina e Israel fora um empecilho nas relações entre Moscou e Damasco, que fica nítido no momento em que se vota no Conselho de Segurança das Nações Unidas a resolução 1397, para a coexistência entre Palestina e Israel, e a Síria se abstém, em 2002. Além disso, até 2005 Rússia e Síria não chegavam a nenhum acordo com relação a Israel sequer com relação à dívida de Damasco para com Moscou (KATZ, 2006, p. 2).

De fato, a partir de 2005 as relações entre Damasco e Moscou se alteram, e se definem em melhores bases com novos acordos para a renegociação de dívidas antigas e venda de armas. Além da venda de armas, e até mesmo de sistemas de defesa antimísseis, em 2005 a Rússia acorda em explorar petróleo e gás natural na Síria por meio de uma de suas empresas estatais, a Tatneft. Ainda no quesito energia, no mesmo ano empresas estatais russas fecham acordos com a Síria para que fossem desenvolvidos os setores de processamento de gás e petróleo, gasodutos, complexos petroquímicos e refinadoras (2006, p. 4).

A investigação da motivação da aproximação entre Rússia e Síria a partir de 2005, apesar de poder parecer especulativa revela o descontentamento tanto russo quanto sírio com o Ocidente. A motivação russa para a redefinição de sua relação com a Síria pode ser justificada por conta de sua insatisfação para com o Ocidente devido às últimas ações (expansão da OTAN, invasão do Iraque, entre outras) ocidentais que afetaram a Rússia negativamente. Seguindo o padrão de relacionamento entre Rússia e Ocidente de aproximação e afastamento desde o fim da Guerra Fria, especialmente, mais uma vez nos últimos anos o Ocidente havia deixado a Rússia de lado em questões importantes na esfera de decisões das relações internacionais e havia deixado a Federação insatisfeita, sentindo-se relegada a um segundo plano quando buscava ser uma grande potência no cenário Internacional.

Em 2008 a relação entre a Rússia e a Síria parece ter se tornado mais forte. Até então, desde a retomada das relações entre essas duas partes, em 2005, havia sido um tanto morna e bastante contidas no âmbito comercial, mas os dois países ainda guardavam algumas diferenças. Entretanto, o ano de 2008 é considerado aqui, vital para a relação Damasco-Moscou. De acordo com Katz (2008), naquele momento Vladimir Putin já havia demonstrado com bastante clareza que estava

em busca de resgatar o *status* de grande potência da Rússia. Na verdade, o Katz coloca é que em 2008, Putin demonstrava sinais de que a Rússia já havia alcançado o patamar de grande potência novamente. O que se discorda aqui de Katz é a sua pressuposição de que a Rússia, em 2008 não queria projetar sua imagem de grande potência no Oriente Médio. Aqui se considera o oposto disso, ao se projetar enquanto uma grande potência a Rússia passa a dar significativo valor aos seus antigos aliados, inclusive no Oriente Médio, e dos mais importantes, e que não estavam aliados ao Ocidente era a Síria.

O ano de 2008 é considerado aqui de grande valia para a relação entre Síria e Rússia, pois este é marcado por diversas controvérsias entre a Rússia e o Ocidente. Considera-se que os obstáculos criados entre Rússia e Ocidente fazem com que a Federação sinta-se cada vez mais preterida, mais relegada ao segundo plano nas grandes decisões das relações internacionais. Por isso, mais do que nunca a Rússia, projetando-se enquanto uma grande potência, desvincula-se, em alguma medida, dos laços ocidentais para atrelar-se a outros vínculos que apoiam ao invés de criticar suas ações, como é o caso de sua crise com a Geórgia, no qual a Síria fica ao seu lado (PENKETH, 2008).

O que se quer dizer aqui com todas essas informações é que, apesar do vínculo histórico entre a Síria e a Rússia, ambas podem ter se reaproximado com tanta força devido às circunstâncias. Há algum tempo a Rússia vivenciava um posicionamento pouco favorável para si, e reclama de ser deixada em segundo plano em determinadas situações. Dessa forma, não é nada surpreendente que a Síria, que, também, sofria com um isolamento no cenário internacional, se unissem de alguma forma. A Síria precisava de um grande aliado e a Rússia precisava demonstrar sua imagem de grande potência, e o Oriente Médio seria um bom lugar para demonstrar influência e relembrar os tempos áureos da União Soviética.

5.2 O Conflito na Síria e seus Antecedentes

Desde o século XIX, a Síria se conformava enquanto uma região, sem nenhum sentimento nacional sírio. A Grande Síria era compreendida em o que hoje se conhece pelo Iraque, Líbano, Jordânia, e uma parte da Turquia.

A divisão da Síria não se continha em termos territoriais, a região aglomerava uma grande diversidade de seitas e religiões separadas em territórios. A região central da Síria contemporânea agrega uma maioria de povos muçulmanos, em sua larga maioria de sunitas. Ao sul há uma minoria de muçulmanos dividida entre xiitas e drusos, e a oeste do país encontram-se os alawitas¹. Ao norte do país pode-se encontrar árabes católicos, curdos, armênios e judeus.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial a Síria se torna um protetorado francês e passa a ser ainda mais compartimentado. Os franceses geram conflitos entre essa população já dividida, reprimindo os sunitas, e recrutando alawitas, drusos e curdos. Os alawitas, historicamente constituem uma parcela da população desprivilegiada, e por ascenderem às forças armadas que conseguem, também, mais tarde terem um líder alawitas. Em 1946, a Síria se torna independente, e logo após a independência são realizadas eleições no país que demonstram o antagonismo entre a população e a divisão entre religiões (KAPLAN, 1993).

Em decorrência dos antagonismos dentro da Síria surge uma nova ideologia, e a construção de um novo partido o Al-Baath, fundamentado na supressão das religiões e calcado no socialismo. Cabe ressaltar que, desde a sua independência, a Síria passou por diversos momentos complicados internamente como muitos golpes de Estado. O primeiro golpe ocorrera em 1949, pouco tempo após sua independência (PIPES, 1992, p. 59). Houve mais um golpe em 1954, um

¹ Alauítas: consistem em uma variação heterodoxa do xiismo. Os Alauítas veneram Ali, primo e genro de Maomé, e Salman Pak, companheiro de Maomé e considerado uma porta para o conhecimento. Esta divisão religiosa é mais tolerante no que concerne o consumo de álcool, e suas mulheres não necessariamente precisam usar véu. São considerados heréticos por algumas correntes xiitas e sunitas. Sunitas: esta vertente do islamismo é considerada a mais ortodoxa. O termo sunita está relacionado ao significado de trajetória, ou seja, com este termo eles querem demonstrar que estão ligados, diretamente, a trajetória, a seguir o caminho de Maomé. Xiitas: são seguidores de Ali, pois o consideram o verdadeiro sucessor de Maomé. Logo após a morte de Maomé, que não deixara herdeiros, ocorre um cisma entre xiitas e sunitas para saberem quem seria o legítimo sucessor de Maomé. Os xiitas consideram os sunitas ilegítimos. Drusos: também constituem uma vertente do islamismo, e possuem grandes comunidades em Israel, Síria e Líbano, mas também podem ser encontrados em outros países. Até o presente os drusos não permitem novos convertidos, e assim seus rituais se mantêm em segredo, em larga medida. Os drusos são um desdobramento do islamismo, e creem na reencarnação, é um de seus dogmas básicos.

em 1963, um em 1966 e o último em 1970, por Assad pai (1992, p. 115) Tal movimento esquerdista surge em um contexto particular, após a independência da Síria, sua vida política calcada em preceitos ocidentais, bastante parecidos com os da França, começam a erodir, e por isso, um movimento alternativo ganha força (ZIADEH, 2010, p. 6).

O liberalismo perde força na Síria, não apenas por que os Estados Unidos à época apoiavam Israel, mas também, por conta dos diversos golpes sofridos durante o período. Além disso, em 1961, a Síria deixa a República Árabe Unida, o que relega aos sírios mais um momento de crise interna. Nesse momento, há mais uma divisão, pois há quem defenda a permanência da união entre a Síria e o Egito, e os que são contra, e defendiam um modelo constitucional francês para a Síria (2010 p. 3).

A falta de direção da Síria deixa as portas abertas para o movimento revolucionário ba'athista, que em árabe pode significar renascimento ou ressurreição, que clamava por mudanças na ordem política síria (2010, p. 2). Este partido político conseguiu congrega diversas questões como o pan-arabismo, a defesa da construção de um único Estado árabe, nacionalismo, anti-imperialismo e mais tarde agregou o socialismo como fonte de justiça social, mas também possuía suas divisões (DEVLIN, 1991, p. 1399).

Hafez al-Assad entra para o partido Ba'ath e logo começa a subir de cargo, até tornar-se Ministro da Defesa. No entanto, ao perder uma guerra para Israel, ele seria retirado do seu posto, mas antes que isso ocorresse ele promove um golpe e toma o poder na Síria em 1970. Ao chegar ao poder, Assad, um alawita, passa a dar preferência aos seus pares, que durante muitos anos tiveram menos oportunidades na Síria que outras parcelas da população de outras divisões religiosas. Em suma, Hafez Assad deu início a um longo período de ditadura na Síria. Em um primeiro momento, não fora tão duro com a população síria, a fim de ganhar a lealdade popular, mas tão logo começaram a assurgir as dissidências as mesmas foram esmagadas (PIPES, 1992, p. 115).

Dessa forma, desde a década de 1970, Assad esteve no poder na Síria, até a sua morte. Desde então, a maioria sunita do país sente-se usurpada pelos alawitas, que dominam a política da Síria, tendo em vista, que após a morte de

Hafez al-Assad, seu filho Bashar al-Assad assume seu posto em 2000 (SHERMAN, 2000). Desde que Bashar al-Assad assumiu o governo da Síria, a situação da população não mudara em comparação com o governo de seu pai, os sírios continuaram com liberdades civis suspensas, apesar do surgimento de alguns pequenos focos de dissidência.

5.2.1 O Conflito Atual

Na esteira dos eventos da primavera árabe, não tardou muito até que a Síria também fosse tomada por protestos populares. Em março de 2011, tem início na Síria uma série de protestos populares chamados de primavera árabe. No início, os protestos populares ainda pareciam fraturados, pouco organizados, mas logo ganham corpo. Ainda em 2011, as ondas de protestos dissipadas pelo país se tornam mais organizadas e passam a contar não somente com contingentes civis, como também com dissidentes das forças armadas, tão logo ganham as ruas da capital Damasco e de outras importantes cidades sírias (BBC News, 2012).

A escalada da violência fora rápida e quanto mais o levante popular avançava, mais violenta era a reação do governo sírio. Ainda em 2011, houve diversos ataques do governo contra a população civil, nos quais ocorreram grande número de mortos nos confrontos (Al Jazeera e, 2011). Os levantes populares começaram a tomar a forma de uma guerra civil, o conflito se tornou cada vez mais sangrento com o passar do tempo. O governo começou a tomar medidas cada vez mais extremas para tentar conter os rebeldes, e de acordo com testemunhas, forças militares do governo não apenas estavam matando pessoas envolvidas nas manifestações, mas também atirando contra civis, queimando vilas inteiras, além de terem matado oficiais militares que se recusaram a atirar contra civis (Al Jazeera f, 2011).

Como já dito anteriormente, a oposição síria passa a tomar um formato mais organizado, e ainda em 2011 os dissidentes se unem e formam o Conselho Nacional Sírio. A oposição à Assad, antes fragmentada, naquele momento se uniu com o propósito de retirar Assad do governo da Síria, acusando-o de levar o país para uma guerra civil, e de fomentar o sectarismo no país (Today's Zaman, 2011).

Até o presente momento estima-se que o conflito na Síria tenha sido responsável pela morte de cerca de oitenta mil pessoas, e cerca de sete milhões de pessoas que necessitam de ajuda humanitária, além de milhões de refugiados (ONU Brasil, 2013).

5.3 O Envolvimento Internacional na Crise da Síria

Desde o início dos protestos populares na Síria em 2011, o governo sírio promoveu respostas bastante violentas e repressoras contra a sua própria população. Tão logo a violência promovida pelo regime de Bashar al-Assad começou a despertar a crítica internacional à sua postura. A crítica não viria apenas dos Estados Unidos, como também viera de alguns de seus vizinhos do Oriente Médio, de países europeus e do Secretário Geral das Nações Unidas (MARSH et al., 2011).

As críticas ao regime de Assad não cessaram nem diminuíram com o tempo, afinal seu regime se tornara cada vez mais opressor com relação à sua população. Cada vez mais havia relatos de violações maciças dos direitos humanos da população síria que envolviam desde prisões de cunho político até assassinatos de protestantes desarmados. Sendo assim, em maio de 2011 as sanções contra o regime de Assad começaram a entrar em vigor. Em 09 de maio de 2011 entrara em vigor sanções da União Europeia contra o regime Sírio, apesar das divisões que esta decisão criara dentre os países europeus. As sanções aprovadas pela União Europeia incluíam banir o presidente Assad e seu ministro da defesa de viajarem para qualquer país da União Europeia, o congelamento de bens de Assad e outros funcionários do governo ligados ao ditador, e ainda as sanções incluíam o embargo de exportações para a Síria de armas e de quaisquer materiais que pudessem ser utilizados para a repressão da população síria (TRAYNOR, 2011).

O conflito entre governo e população na Síria continuou a escalar, havendo relatos de que desde o início dos protestos e da repressão governamental,

aproximadamente 700 civis teriam sido mortos. Dessa forma, a fim de pressionar o governo de Assad para cessar com as hostilidades contra a população os Estados Unidos da América também impuseram sanções a membros do governo de Assad. Em maio de 2011 o Tesouro norte-americano anunciou que congelaria os bens de seis membros do governo que estariam ligados diretamente à violência contra a população (MOHAMMED; QUINN, 2011). Nesse momento, os Estados Unidos já começavam a falar na possibilidade de Assad deixar o governo do país como pode ser notado na declaração de Hilary Clinton em maio de 2011: “President Assad has a clear choice: it’s either to lead this transition to democracy, or to leave (...)” (MYERS; SHADID, 2011).

As sanções contra a Síria foram além. Ainda em 2011, a União Europeia decide ampliar o leque de sanções contra o regime sírio e aprova o banimento de importações de petróleo advindo da Síria e empresas europeias não poderiam realizar mais qualquer tipo de investimento em empresas sírias. Além dessas sanções, muitas outras foram impostas nos meses subsequentes que se dirigiam a pessoas físicas que estariam ligadas a repressão violenta do governo e a empresas específicas que também possuíam ligações com o setor militar da Síria (Reuters b, 2011).

No âmbito das Nações Unidas, logo no início de 2011, a organização começara a estabelecer debates acerca da situação da Síria, especialmente sobre a situação que envolvia a violação dos direitos humanos da população síria. Em 27 de abril de 2011 as Nações Unidas junto ao Conselho de Direitos Humanos aprovaram uma missão de investigação sobre os casos de violação de direitos humanos no país. Desde o início do conflito os membros da ONU estiveram em constante contato em debates e tentativas de se chegar a alguma conclusão do que seria realizado com relação ao regime sírio. Diversos foram os encontros entre membros das Nações Unidas e oficiais desta organização. Desde então, encontros formais e informais foram realizados e muitas foram às críticas ao governo de Assad, e muitos foram as declarações condenando o excesso do uso de força contra a população civil e assim como a atentados a instalações como embaixadas e consulados.

Ainda em 2011, houve a tentativa de se aprovar algumas resoluções contra a Síria, uma delas fora proposta ainda em 25 de maio pelo Reino Unido França, Alemanha e Portugal, que acabou por nunca ser colocada em votação. Outras propostas de resoluções para serem votadas no Conselho de Segurança ainda viriam nos meses subsequentes e nos anos seguintes, bem como muitas deliberações e sugestões advindas da ONU para a situação na Síria (Security Council Report, 2013).

5.3.1 A Posição Russa Diante das Deliberações Internacionais

Desde o início das tentativas de deliberações, especialmente com relação às tentativas de aprovarem resoluções no Conselho de Segurança, contra a Síria, a Rússia se mostrou bastante crítica e contrária à maioria delas. Até meados de 2012, a Rússia já havia vetado três resoluções no Conselho de Segurança (MASTERS, 2013).

Em 04 de outubro de 2011, pela primeira vez desde o início do conflito na Síria uma resolução fora posta em votação no Conselho de Segurança das Nações Unidas. O rascunho da resolução havia sido proposto pelo Reino Unido, Portugal, Alemanha e França. Colocada em votação, a resolução S/2011/612 fora vetada pela Rússia e pela China. Esta proposta de resolução tinha por objetivo deliberar acerca da violência utilizada pelo governo de Assad contra os manifestantes.

O segundo rascunho para uma resolução contra a Síria a ser votada no Conselho de Segurança fora em 04 de fevereiro de 2012, apoiada pela Liga Árabe, tinha como propósito principal dar início a uma transição de governo na Síria. Dessa vez, a resolução S/2012/77 tivera o apoio de todos os votantes, exceto da China e da Rússia que vetaram a mesma, e impedindo-a de ser implementada.

Em 19 de julho de 2012, mais uma proposta de resolução contra a Síria, sob a égide do capítulo VII da Carta das Nações Unidas fora colocada em votação no Conselho de Segurança. A proposta S/2012/538 apoiada pelo Reino Unido, França, Alemanha, Portugal e Estados Unidos da América fora vetada mais uma vez pela Rússia e pela China.

Desde o primeiro veto russo no Conselho de Segurança com relação a situação da Síria especula-se quais seriam os motivos para tanto. As justificativas oficiais podem clarear essa questão. Uma declaração do ministro Sergei Lavrov ainda em 2011 pode ser muito útil para compreender a posição russa com relação à Síria. Nesta declaração o ministro coloca claramente que, a Rússia não mais apoiará resoluções vagas, onde ele se refere à resolução 1973 que embasou a intervenção na Líbia no mesmo ano. Nas palavras de Lavrov sobre a resolução 1973:

[...] allows anyone to do whatever they want for the sake of anything [...] the permanent members are interested in his body issuing documents that are clear, since the Security Council's decisions are under the auspices of international law, and international law should not tolerate ambiguity. Just as we warned earlier, we are now dealing with the unpleasant situation where [the resolution] can be interpreted differently.(...) If the opposition is truly interested in social and governmental reforms in Syria, then brushing aside such proposals (to hold talks) is simply unacceptable, this raises the suspicion that we are in fact not talking about reforms, but “regime change.” (Russia Today f, 2011).

Esta declaração de Lavrov indica que, de fato, o destino que fora traçado para a Líbia gerou um novo acúmulo de conhecimento para a Rússia, e um novo momento para a sua atuação. Os governantes da Federação não mais se deixarão ser ludibriados por questões semânticas. Ou seja, a humilhação passada pela Rússia diante de sua inaptidão de fazer qualquer coisa no caso da Líbia não mais ocorrerá. Esta declaração de Lavrov parece deixar claro que a Rússia defenderá suas posições com mais obstrucionismo no Conselho de Segurança, por exemplo, que é onde a Rússia mais pode demonstrar poder.

5.3.2 Explicações Russas para sua Posição

Como fora demonstrado na seção anterior da presente pesquisa, representantes da Federação Russa bloquearam a maior parte das tentativas de

aprovarem resoluções no âmbito das Nações Unidas relacionadas à crise na Síria. Diversas são as tentativas de se explicar as motivações russas para este tipo de comportamento, ainda mais se colocarmos em perspectiva a situação da Líbia, que era um tanto similar, e lembrar que a Rússia não se comportou da mesma maneira. Para tentar compreender o bloqueio russo aos esboços de resoluções no Conselho de Segurança da ONU, propostas por países ocidentais, terá início com as explicações e justificativas de oficiais russos para tal posicionamento.

S/2011/612 – 04 de outubro de 2011

Há quem garanta que o bloqueio da Rússia às tentativas de aprovação de resoluções direcionadas à crise na Síria possuem raízes materiais, simpatia entre ditadores, entre outras. Entretanto, aqui se colocará, em primeiro lugar, as justificativas oficiais para as atitudes do governo russo com relação às propostas bloqueadas.

Em primeiro lugar, cabe aqui ressaltar que o governo russo, à época do esboço de resolução de 04 de outubro de 2011, não parecia estar defendendo o regime de Assad e suas respostas truculentas aos protestos populares. No entanto, a posição russa não era de confronto com o governo de Assad. Havia críticas mais aos métodos que estavam sendo utilizados do que ao governo em si (RIA Novosti j, 2011). A justificativa oficial do governo russo para o bloqueio do esboço de resolução S/2011/612 parece estar bastante relacionado com o que ocorreu na Líbia no mesmo ano. De acordo com o representante oficial da Federação Russa no Conselho de Segurança da ONU, Vitaly Churkin, o esboço era inaceitável, pois possuía um carácter confrontante diante da crise na Síria, e ainda que o mesmo não propunha a inaceitabilidade de uma intervenção militar na Síria (RIA Novosti k, 2011) . Nas palavras de Churkin:

Today's rejected draft rests on an entirely different philosophy, the philosophy of confrontation. We can't agree with its one-sided indictment bias against Damascus. We consider the ultimatum threat of sanctions against the Syrian authorities unacceptable. This approach runs counter to the principle of peaceful settlement of the crisis through a Syrian national dialogue. Our wording proposals on the inadmissibility of external military intervention are not taken into account. And that, in view of the well-known events in North Africa, cannot but make us wary. Equally alarming is the weak wording on the

opposition, the absence of the call proposed by us on it to disassociate itself from extremists. Against the background of statements by some Western politicians about President Bashar al-Assad's loss of legitimacy, this approach could provoke a full-scale conflict in Syria and as a consequence, destabilize the whole region. Syria's collapse as a result of civil war would have a very destructive effect on the situation in the entire Middle East. The situation in Syria cannot be considered in the Security Council in isolation from the Libyan experience. The international community is wary of the statements being heard that the implementation of the Security Council resolutions in Libya as interpreted by NATO is a model for its future actions to exercise the "responsibility to protect." It's not hard to imagine that tomorrow "united defenders" may begin to apply this "exemplary model" in Syria as well. [...]The demand for an immediate cessation of fire turned into a large-scale civil war, the humanitarian, social, economic and military consequences of which have spilled over far beyond Libya. The no-fly zone provision turned into bombing of oil facilities, a TV station and other civilian targets. The arms supply embargo resulted in a naval blockade of the western coast of Libya, including for humanitarian goods (Statement in Explanation of Vote by Vitaly Churkin, 04 de outubro de 2011).

A explicação oficial de Vitaly Churkin do motivo para o bloqueio da Rússia ao esboço de resolução S/2011/612 parece claro. Primeiramente, ele chama a atenção para um possível unilateralismo ocidental dentro do espectro de algumas decisões internacionais. Em segundo lugar, sua explanação evidencia a insatisfação russa para com as decisões ocidentais no caso da Líbia, que segundo Churkin, ultrapassaram o mandato da ONU. Por último, fica claro que a Rússia está insatisfeita com ações ocidentais e suas incursões a outros Estados sem consulta prévia, por exemplo, à Rússia para tais decisões.

S/2012/77 – 04 de fevereiro de 2012

Em 04 de fevereiro de 2012, China e Rússia mais uma vez vetaram a possibilidade de se concretizar uma resolução no Conselho de Segurança contra a Síria. Nesta votação em questão, apenas China e Rússia vetaram a resolução, o que deixou países europeus e os Estados Unidos bastante irritados com a posição desses dois membros (RIA Novosti 1, 2012). De acordo com o embaixador Vitaly Churkin, as propostas que estavam sendo feitas no Conselho de Segurança eram apressadas e não refletiam a realidade da Síria. Além disso, Churkin acrescentou

que naquele momento, o envio de sinais de confronto para a Síria poderia desestabilizar ainda mais a delicada situação da crise síria. Entretanto, em nenhum momento a posição da Rússia fora a de deixar a crise acontecer sem que nada fosse feito a respeito. Nas palavras de Vitaly Churkin para justificar o veto russo:

In the Security Council, we have actively tried to reach a decision for an objective solution that would truly help to put a prompt end to violence and start a political process in Syria. The decision of the Security Council should be just that, but from the very beginning of the Syrian crisis some influential members of the international community, including some sitting at this table, have undermined any possibility of a political settlement, calling for regime change, encouraging the opposition towards power, indulging in provocation and nurturing the armed struggle. [...] The work of the Security Council was not taken to its conclusion. The draft resolution put to the vote (S/2012/77) did not adequately reflect the true state of affairs in Syria and sent a biased signal to the Syrian sides (Security Council, 6711th meeting, 04 de fevereiro de 2012).

O Ministro das Relações Exteriores da Federação Russa, Sergei Lavrov, também fez declarações no sentido de explicar a decisão de seu governo de mais uma vez vetar uma possível resolução contra a Síria. Para Lavrov, o esboço de resolução S/2012/77 refletia um posicionamento unilateral ocidental, e de modo algum isto resolveria os problemas na Síria, pelo contrário. Nas palavras de Lavrov:

This problem should be viewed from two sides. First, the document contains very precise demands addressed to the Syrian regime, while, on the contrary, any reference to armed forces operating there lacks clarity, although these armed gangs intimidate local citizens, violate their rights and attack government buildings. For example, among many other demands, here we may find one urging the Syrian government to withdraw its troops from all cities. We suggested that some specification should be made there, demanding an immediate halt of violence from the opposition forces [...] Secondly, the problem is also about a subject of national dialogue and the way it should be held. The Arab League initiated a peace plan in November which said that there should be no outside interference, while a national dialogue should be started, involving all Syrian political forces, with no attempts made to prejudge its outcome [...] Our amendments do not require any huge efforts to be applied. They just rely on objective data, including a report by the Arab League's mission in Syria, as well as on the earlier approved initiative that the talks should be

held without any provisions. If our colleagues agree to do this, we will get not simply the Moroccan draft resolution but a collective document of the UNSC, backed by every member state. Thus we will succeed in our discussions launched at the end of last year, when Russia first submitted its draft resolution (...) (The Voice of Russia d, 05 2012).

A partir dos trechos das justificativas tanto de Churkin quanto de Lavrov para a posição russa diante da crise da Síria pode-se ter uma razoável noção de que a crise síria não é a única preocupação da Federação. Os representantes da Rússia expressaram o desagrado com a falta de clareza na proposta realizada em fevereiro de 2011, que para eles fora um dos maiores problemas da resolução 1973 com relação à Líbia.

S/2012/538 – 19 de julho de 2012

A proposta S/2012/538 fora amplamente apoiada por países europeus e pelos Estados Unidos. Este esboço se direcionava, especialmente, a ampliar o mandato da UNSMIS, que até então era apoiada pela Rússia. Contudo, a proposta de 19 de julho de 2012 se propunha a agir sob a égide do capítulo VII da Carta das Nações Unidas, sem que expressassem claramente como as demandas da proposta seriam atingidas. Dessa forma, pela terceira vez China e Rússia vetaram a proposta. Mais uma vez o Ocidente criticara amplamente a Federação e a China por suas respectivas posições. A justificativa russa para tal atitude pode ser expressada nas palavras do embaixador Vitaly Churkin:

(...) the sponsors of the “just-blocked” resolution were well aware that it had no chance of adoption. The Russian Federation had explained it could not accept a Chapter VII text to open the path to military intervention and sanctions. Yet, for some reason, those Council members had failed to exclude military intervention. Their calculation to use the Council and the United Nations to further their plans of putting their own pressures on sovereign States would not pass. Instead of levelling insinuations against the Russian Federation, which throughout the conflict had provided key support for the Annan mission, those members had today made “unacceptable statements”. They could have done something to promote dialogue with their Syrian counterparts, rather than fan the flames of conflict, including of Syrian terrorist groups, as they furthered their own “geopolitical designs”. [...] those Council members incited the crisis instead of, as they purported, attempting to settle it in accordance with the 30 June Geneva outcome. The sponsors of the just-failed draft had also

attempted to fan the flames of divide in the Council. Their resolution was biased, and the sanctions levelled exclusively against Syria (...)” (Security Council SC/10714, 19 de julho de 2012).

Mais uma vez, a justificativa russa para bloquear uma possível resolução no âmbito do Conselho de Segurança pode demonstrar que a Rússia está preocupada com a solução da crise, mas isso não é tudo. Os seguidos vetos da Federação podem ser interpretados como sendo parte de uma questão mais ampla para a Rússia como Churkin coloca em sua explicação para o veto, que é a preocupação com o unilateralismo ocidental e suas preocupações com ambições geopolíticas. Existem outras possíveis explicações para a posição da Rússia diante do cenário de conflito na Síria que serão tratados na subseção seguinte. Aqui contempla-se que, a identidade da russa está em questão. Ou seja, a fim de que a Federação seja notada e ouvida por sua população, no presente momento, ela se impõe de maneira a bloquear ações propostas pelo Ocidente. Tendo em vista que a União Europeia e os Estados Unidos são polos de poder político e econômico maiores que a Rússia. Sendo assim, se o interesse da Rússia é se projetar enquanto uma grande potência, ao lograr em impor limites às ações Ocidentais ela se coloca no mesmo patamar das grandes potências ocidentais.

5.3.3 Outras Possíveis Explicações para a Posição Russa

Desde que a crise na Síria iniciou-se e a Rússia, de certa forma, colocou-se ao lado da Síria que se especulam os motivos para o governo russo tomar essa postura. Como já visto anteriormente, a justificativa oficial do governo russo está ligada a questões como não-intervenção, manter o conflito sob controle, afirmar que uma intervenção internacional poderia piorar a situação, e que a crise apenas pode ser resolvida por meio do diálogo. Entretanto, essas justificativas oficiais não foram suficientemente convincentes, e, por isso, diversos analistas propõem diversas explicações para essa questão. O que se sabe até agora é que, diferentemente da Líbia, a Síria parece estar a salvo de qualquer intervenção armada internacional (MURPHY, 2012).

Uma das principais vias de explicações para os vetos russos no Conselho de Segurança identifica-se com questões materiais, por exemplo, a venda de armas russas para a Síria. Como visto anteriormente neste mesmo capítulo na tabela disponibilizada pelo SIPRI, desde 2005, a venda de armamentos russos para a Síria é crescente, especialmente nos últimos anos. De acordo com informações, as exportações de armas para a Síria compreendem cerca de 10% de toda a venda de armamentos russos. Este número é bastante expressivo, e representa algo em torno de 1,5 bilhões de dólares. Ou seja, essa é uma questão que não pode ser totalmente descartada da equação dos cálculos do Kremlin, afinal, cabe ressaltar que a Rússia não cogitou nenhuma sanção que envolvesse o não envio de armas à Síria, mesmo sob críticas de muitos países (KRECHETNIKOV, 2012).

Além dos bilhões gerados com vendas de armamentos para Síria, há contratos ainda para serem cumpridos entre os dois países que chegam a quatro bilhões de dólares. Ainda no âmbito comercial, a Rússia tem lucrado bastante desde o início da crise na Síria, tendo em vista que as sanções impostas ao país o impede de importar bens de muitos países e com isso estas importações estão vindo da Rússia (MANFREDA, 2011).

A segunda opção de explicação estaria relacionado ao porto de Tartus. Este porto começou a ser utilizado ainda pela União Soviética em 1971 após um acordo com Damasco. Há quem garanta que o porto ainda serve como um ponto estratégico para a Rússia, pois este seria o local para o recebimento de carregamentos russos para a Síria e ainda seria uma rota estratégica para as grandes cidades sírias, além de dar acesso a vias férreas do país (SYNOVITZ, 2012). Contudo o local, não comporta sequer, que muitos navios atraiam ao mesmo tempo, e nem mesmo possui sistema de defesa (BARABANOV, 2012).

A terceira hipótese levantada acerca da posição da Rússia diante da crise na Síria está imbricada no relacionamento histórico entre essas partes. Como já demonstrado anteriormente neste mesmo capítulo, Damasco e Moscou possuem uma ligação concreta desde a independência da Síria, e mantiveram essa relação de proximidade durante todo o período que compreende a Guerra Fria. O relacionamento desses dois países, apenas se enfraqueceu com o fim da URSS, mas fora retomado durante o governo de Vladimir Putin. Dessa forma, a Rússia

estaria defendendo a Síria no atual cenário de crise em decorrência de seus laços históricos, e seria plausível crer que a Rússia defenderia um antigo aliado. No entanto, essa perspectiva, por si mesma acaba por não sanando a pergunta levantada nessa pesquisa, afinal, a Rússia não se indis põe com o Ocidente por conta de todos os seus antigos aliados.

A quarta hipótese levantada para uma possível explicação acerca da atual posição russa em meio à crise na Síria estaria conectada com o histórico posicionamento da Federação diante de operações de paz, de um modo geral. A partir da década de 1990, após a desintegração da URSS e o surgimento de tantos atores independentes o posicionamento russo diante das crises humanitárias e guerras civis nas antigas repúblicas soviéticas a postura russa fora a de manter a influência estrangeira longe de tais questões. A postura russa era a de resolver os problemas russos no *near abroad* sem auxílio estrangeiro para tanto (MACKINLAY e CROSS, 2003, p. 203). Essa asserção pode ser corroborada pelos casos empíricos das intervenções militares da Rússia, ao longo da década de 1990 na Ossétia do Sul e na Abkházia a fim de garantir a permanência de bases militares na região (2003, p. 70), mas também para manter sua influência sobre a Geórgia (2003, p. 76).

O mesmo ocorreu na mesma década na Moldávia, onde a Rússia se utilizou de sua minoria étnica presente no país para estabelecer presença militar (2003, p. 138). Afinal a região da Transdniestria é considerada uma área de especial interesse para a Rússia (p. 151). Da mesma forma, ainda durante a década de 1990, o *peacekeeping* russo no Tadjiquistão, também faltou com imparcialidade e com os princípios aceitos internacionalmente para essa prática (p. 163).

De uma forma geral, Mackinlay e Cross (2003) colocam que ao longo da década de 1990, as intervenções da Rússia no *near abroad* faltavam com imparcialidade e serviam aos interesses da Federação. Serviam, especialmente para manter a sua esfera de influência e seu status de grande potência (p. 183). No entanto, de acordo com os autores, no início do primeiro mandato de Vladimir Putin a participação da Federação no *peacekeeping* passa a ser diferenciada e mais cooperativa com a ONU e com a OTAN (2003, p. 190).

Entretanto, aqui, discordasse de que o governo russo tenha se mantido nesse rumo mais cooperativo junto à OTAN e à ONU, talvez, em operações de paz em locais que não fossem de seu interesse estratégico, mas não ocorre quando tangenciam locais considerados de sua influência como a Líbia e a Síria.

A quinta pressuposição, e a que será mais prestigiada na presente pesquisa se coloca como uma hipótese híbrida. Esta hipótese não descarta que fatores materiais (mesmo que por acordo humano) como o comércio com a Síria possa ser um fator relevante para a posição da Rússia na crise da Síria. Entretanto, pressupõe-se que a posição da Rússia no atual cenário esteja mais entrelaçada com questões relacionadas com o Ocidente e menos com a Síria em si. Defende-se que, a posição russa esteja envolvida com o Ocidente e a reconstrução de sua identidade no pós-Guerra Fria. Desde o fim da Guerra Fria, a Rússia tenta se recolocar no Oriente Médio e assegurar parcerias estratégicas na região, a fim de contrabalancear a posição norte-americana, de acordo com uma lógica realista. A Síria teria demasiada importância, pois seus outros dois grandes aliados já foram “cooptados” pelo Ocidente, o Iraque e a Líbia (GORENBURG, 2012).

Esta última hipótese ganhará mais destaque e lugar para análise na próxima seção deste capítulo, no qual será analisada de maneira mais acurada.

5.4. Ocidente – Síria – Rússia

Esta seção dedica-se a retomar, primeiramente, os pontos de tensão e distensão entre a Rússia e o Ocidente, a fim de que se tenha uma posição do porquê a Federação estaria descontente com as ações ocidentais. Para tanto, serão colocados, brevemente, alguns pontos de divergência e convergência entre a Rússia e o Ocidente. Em um segundo momento desta seção o foco será analisar a mudança da identidade e interesses russos para uma posição mais pragmática com relação ao Ocidente. Tendo em perspectiva que os eventos históricos retratados são de suma importância para a compreensão da mudança da postura russa no que tange seu relacionamento com o Ocidente e suas propostas. Por conseguinte, operacionalizar-se-á a abordagem teórica já disposta com a finalidade de compreender a posição russa acerca da crise na Síria.

Sabe-se que após o colapso da União Soviética, a Rússia, sob a presidência de Boris Yeltsin assume uma identidade mais cooperativa para com o Ocidente. Durante a década de 1990 o governo russo se dispõe a cultivar uma identidade (o que é) de amizade com relação ao Ocidente demonstrando sua mudança de interesses (o que quer). Dessa forma, os eventos históricos que seguem ao longo dos anos podem iluminar, de certa forma, o atual comportamento da Rússia com relação à crise na Síria.

O início da década de 1990 fora marcado, nas relações entre Rússia e Ocidente, em grande medida, por aproximações, parece ter havido menos confronto entre as partes que conformação da Rússia com as propostas ocidentais em diversos aspectos. Tão logo Yeltsin é eleito o primeiro presidente da Rússia, o mesmo endossa medidas de política doméstica e de política externa que estariam em conformidade com o esperado pelo Ocidente. Yeltsin, naquele momento, prezava por realizar reformas liberalizantes no âmbito político e econômico, assim como modificar a posição russa no cenário internacional, e colocar o país em acordância com as normas de governança global em vigência. Entretanto, a alteração de postura da Rússia não lhe rendera muitos frutos (SEGRILLO, 2000, 73). Muitos foram os momentos de aproximação e de afastamento entre a Rússia e o Ocidente, como fora disposto no capítulo histórico da presente pesquisa em forma de linha temporal.

A motivação para a apresentação de uma linha temporal tem por objetivo avaliar, em que medida, os momentos de aproximação, tanto quanto os momentos de afastamento são relevantes para a compreensão para a atual posição da Rússia.

Os valores e os imaginários de cada ator, no caso, os Estados, irão influenciar em sua perspectiva sobre o outro com o qual se relaciona. Ao contrário dos racionalistas, entende-se aqui que os Estados não são “bolas de bilhar”, um evento não causa outro, as consequências são bastante imprevisíveis.

Tal abordagem cabe na análise da relação da Rússia com o Ocidente, pois as ações ocidentais não causaram um tipo de ação russa, ao contrário, não poderia prever qual seria a ação seguinte da Rússia dada uma ação em um T1 do Ocidente. Dada uma ação do Ocidente a Rússia poderia reagir de diversas maneiras em um T2, mas suas ações são, de certa forma, filtradas por seus valores, sua identidade e

interesses. Essa ideia é bem colocada pela metáfora de Adler (1999), de que quando jogamos uma pedra para o alto sabemos o que vai acontecer, mas se jogamos um pássaro para o alto não sabemos em que direção ele irá voar.

5.4.1. O Ocidente na Construção Social da Identidade e Interesses Russos

Considera-se aqui, como já demonstrado, que não há primazia ontológica quando se trata de interesses nacionais e de identidades nacionais. Os dois conceitos são construídos durante a dinâmica das relações internacionais. Ou seja, não necessariamente, como pressupõem os realistas, os Estados irão buscar somente o poder, a amplificação de seu poder e a maximização de sua segurança. Diante do construtivismo social não há comportamento racional ou irracional, entende-se que há apenas comportamentos distintos e construídos a partir de contextos sociais diferenciados, guiados por valores particulares e entendimentos igualmente particulares de uma dada realidade (WELDES, 1999).

No entanto, isso não exclui a possibilidade de um Estado agir de maneira consistente com o que os realistas, por exemplo, ditam como sendo um comportamento racional. O fato de um Estado buscar prestígio e a maximização de seu poder na esfera internacional, simplesmente, pode ser observado como o resultado de uma série de interações prévias e culminou na construção de uma visão realista de um determinado Estado. Além disso, a identidade e os interesses nacionais de um Estado estarão previstos dentro deste espectro de significados construídos ao longo do tempo em sua dinâmica com outros. As condições domésticas de um Estado também não devem ser descartadas desse contexto de significados, sua história, sua economia, entre outros fatores devem ser levados em consideração para a construção do “eu” e de sua condução da política externa (TSYGANKOV, 2013, p 21).

A questão principal nessa subseção deste capítulo é compreender como este aparato teórico pode ajudar a entender o comportamento russo desde o fim da Guerra Fria até sua presente atuação no contexto da crise na Síria.

Com o fim da Guerra Fria e a dissolução da URSS, o contexto internacional muda. Não há mais a URSS, não há mais o confronto entre as duas

superpotências, há apenas uma, mas a relação entre a herdeira soviética, a Rússia, e o Ocidente muda. O “outro” da Rússia deixa de ser os Estados Unidos, pois no início da década de 1990 a Rússia precisa lidar com seus inimigos internos que são os problemas sociais e econômicos, autores como Light (2005) que a Rússia passara por um momento de crise identitária sem um “outro”, um inimigo que lhe desse motivos para existir. Porém, a Rússia apenas, de acordo com suas condições domésticas, instrumentalizou a situação, e uma elite política pró-Ocidente com Yeltsin conseguem se manter no poder dado o contexto em que a Rússia se inseria. Nesse momento a Rússia muda sua identidade e seus interesses, o seu “outro” histórico, o Ocidente, passa de inimigo a amigo, e seus interesses estavam alinhados com outro tipo de racionalidade. A nova identidade russa e seus interesses embasam um comportamento cooperativo para com o Ocidente e se identificam com imperativos liberais no âmbito econômico e político, e esses novos valores para a Rússia lhe deram razão de ser durante um tempo (TSYGANKOV, 2013).

Entretanto, o momento da identidade e interesses russos condizentes com princípios liberais e o seu alinhamento ideológico com o Ocidente não durou. Por quê? O porquê do momento de alinhamento com o Ocidente pode ter diversas explicações plausíveis. Em primeiro lugar, o alinhamento da Rússia com o Ocidente e a sua adesão às políticas liberais no âmbito econômico surtiram efeitos não previsíveis, as reformas econômicas implementadas durante o governo de Yeltsin apenas serviram para piorar a situação econômica e social da população russa, o que já contou com um ponto negativo (SEGRILLO, 2000, 78).

O segundo motivo, ou motivos, advém da sua interação internacional com o Ocidente. Durante o início da década de 1990 a nova identidade russa e seus interesses nacionais, menos confrontativos com relação ao Ocidente, fazem com que o país almejasse ser parte desse Ocidente. Isso pode ser notado nas declarações e nas ações da Rússia nesse período, no qual declarava a possibilidade de até mesmo fazer parte da OTAN, e também fora o período em que a Rússia passou a fazer parte de organizações como o FMI e o Banco Mundial. Esse período, da mesma forma, fora marcado por cooperação da Rússia com o Ocidente na área de segurança, tratados de cooperação com a OTAN e em operações conjuntas em áreas de conflito (THORUN, 2009, p 1).

Mas em algum momento a Rússia passou a ser deixada de lado pelas potências ocidentais como visto na revisão de eventos históricos que marcaram essa relação. Esses momentos como a decisão de bombardear a ex-Iugoslávia, ou mesmo de intervir na questão do Kosovo por meio da OTAN deixaram a Rússia inapta em eventos de maior relevância para o cenário internacional. Dessa forma, de acordo com Light (1995) o Ocidente, com suas ações, estava recriando uma divisão e recolocando a Rússia em “segundo mundo”, eram ações que retratavam um vencido e um vencedor.

Assim, o alinhamento indiscutível passa para um momento em que mais uma vez a Rússia passara a buscar uma nova identidade dado que ao longo do período de alinhamento, a Rússia não lograra fazer parte do Ocidente e teve suas expectativas frustradas. Ou seja, a temporalidade das ações ocidentais acumuladas levaram a um novo momento onde confrontações mesmo que brandas começaram a tomar lugar nessa relação, a Rússia passara a tomar novas atitudes, tinha novos interesses no lugar do antigo alinhamento cego (KASYMOV, 2012, 59).

A partir, especialmente, da segunda metade da década de 1990 elites políticas de cunho estatistas passaram a ter maior influência na condução das políticas russas, em larga medida, por conseguirem instrumentalizar as ações ocidentais em seu favor e as consequências do ocidentalismo para a Rússia. Este novo momento para a Rússia ganha força com Yevgeny Primakov, que fora Ministro das Relações Exteriores e depois Primeiro Ministro da Federação. Primakov fora um grande expoente da volta do pragmatismo na política externa russa, ele conseguiu reavivar o Ocidente como o grande “outro” na política externa da federação. Pois, o “outro” na política externa de um Estado precisa convencer a sua população (CAMPBELL, 1992). Naquele momento, não havia “outro” melhor para reconstruir a identidade russa, pois ao longo da década de 1990, a percepção sobre o Ocidente muda, vai de amigo à rival. A falta de apoio do Ocidente à guerra travada com a Chechênia, os problemas econômicos causados pelas reformas econômicas liberais e a falta de prestígio nas relações internacionais eram motivos suficientes para o governo russo adotar uma nova postura (TSYGANKOV, 2013).

A identidade de um Estado informa quais serão seus interesses nacionais, mas isso também dependerá do contexto. E o contexto internacional em que a Rússia se inseria quando Vladimir Putin chega à presidência da Federação pareciam bastante favoráveis para a construção de uma identidade mais consolidada em termos de se projetar enquanto uma grande potência. De acordo com Kanet:

A state's behavior is viewed as an intention to reproduce its identity as a state actor conditioned by shared norms – for example, if a state identifies itself as a great power, it will act to reproduce that identity in terms of the prevailing norms regarding great power behavior (2007, p.33).

Ao chegar à presidência em 2000, Vladimir Putin parece ter objetivos claros para a condução da política externa da Rússia, além de ter com objetivo reconstruir a identidade russa de grande potência. Mesmo que a Rússia em 2000 não pudesse ser considerada uma grande potência, talvez uma potência média, a sua projeção enquanto uma grande potência faria com que seus interesses nacionais fossem condizentes enquanto tal. A Rússia, em 2000, já havia sofrido com a expansão da OTAN, mesmo que a contra gosto, duras críticas ocidentais às duas empreitadas na Chechênia, entre outras questões que danificaram a sua relação com o Ocidente. Sendo assim, mesmo que em 2000 a Rússia ainda não apresentasse traços claros de que assumiria atitudes de total confronto com o Ocidente, ou mesmo de ruptura, ficava claro que a relação entre essas partes ao longo do tempo surtiu efeito nas respostas russas. Isso pode ser observado em um documento oficial sancionado por Putin em 2000:

To ensure reliable security of the country, to preserve and strengthen its sovereignty and territorial integrity, to achieve firm and prestigious positions in the world community, most fully consistent with the interests of the Russian Federation as a great power, as one of the most influential centers of the modern world, and which are necessary for the growth of its political, economic, intellectual and spiritual potential; To influence general world processes with the aim of forming a stable, just and democratic world order, built on generally recognized norms of international law, including, first of all, the goals and principles in the U.N. Charter, on equitable and partnership relations among states; [...] At the same time, new challenges and threats to the national interests of Russia are emerging in the international sphere. There is a growing trend

towards the establishment of a unipolar structure of the world with the economic and power domination of the United States. In solving principal questions of international security, the stakes are being placed on western institutions and forums of limited composition, and on weakening the role of the U.N. Security Council (The Foreign Policy Concept of Russian Federation, 2000).

Nesse trecho retirado do documento de política externa da Federação algumas questões ficam claras. A primeira delas, e talvez a que chame mais a atenção, seja a questão de a Rússia se considerar uma grande potência, o que quer dizer que o governo agirá em acordância com esta nova identidade assumida, vai buscar demonstrar que é uma grande potência. O segundo fator interessante é que a Rússia não mais considera os Estados Unidos seu grande aliado, e este Estado passara a fazer parte das ameaças à Rússia. O terceiro fator que deve ser ressaltado é o fato de a Rússia ter buscado salientar a importância das instituições multilaterais, afinal a ONU é um fórum no qual a Federação pode exercer e demonstrar poder, especialmente no Conselho de Segurança, órgão no qual possui direito a veto.

No entanto, como ressalta Tsygankov (2013), o pragmatismo e o estatismo de Putin em garantir que a Rússia seja uma grande potência são um tanto diferenciados. A nova identidade russa é pragmática, mas concede grande importância à participação e à integração ao cenário internacional, especialmente por meio das entidades multilaterais, a fim de não isolar a Rússia e se colocar ao lado das grandes potências mundiais. A nova identidade russa é pragmática e cooperativa. Afinal, mesmo que sua identidade e seus interesses nacionais sendo conformados por uma ideia de ser uma grande potência, o ambiente de multipolaridade ajuda na partilha do poder. Assim como no documento de política externa da Rússia e em outros documentos sancionados por Putin, a preocupação com a contenção dos Estados Unidos neste novo cenário internacional é constante (COLIN, 2007, p. 110).

Apesar da retórica mais endurecida de Putin, os primeiros anos de seu governo foram de relativa calma na relação com o Ocidente. Inclusive 2001 é um ano de grande aproximação entre Rússia e Estados Unidos, afinal, na falta de uma agenda muito clara entre esses dois Estados, os atentados terroristas vieram

em um bom momento. Os atentados de 11/09 serviram para que Estados Unidos e Rússia, ao invés de se enxergarem mutuamente como ameaças, encontrassem uma ameaça comum, o que os une. Esse momento que une a Rússia ao Ocidente, por dividirem o medo do terrorismo não faz com que a Rússia mude de identidade, o que se acredita aqui é que essa estratégia faz parte de sua identidade pragmática e cooperativa, que leva a Rússia a querer fazer parte dos assuntos de grande relevância para o cenário internacional. Além disso, ao longo do primeiro mandato de Putin, a Rússia ainda se encontrava com alguns problemas domésticos e por isso talvez tenha sido, nesse período, mais complacente com as ações Ocidentais (2007, p. 113).

Entretanto, esse momento de grande cooperação entre a Rússia e o Ocidente não duraria muito tempo. Como já visto na revisão histórica disposta brevemente neste capítulo os anos de 2001 e 2002 foram de colaboração entre as partes, inclusive no âmbito da OTAN (SERVICE, 2009, p. 555). Mas em 2003 houve a invasão do Iraque, realizada fora dos auspícios da ONU, onde a Rússia poderia ter vetado, e mais tarde em 2004 houve mais uma onda de alargamento da OTAN em direção ao Leste que incluiu Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslovênia e Eslováquia. Esta segunda onda de alargamento da OTAN faz com que a Rússia se sinta insegura, tendo em vista que a OTAN chegara em suas fronteiras ao incluir tais Estados. Apesar de no passado a Rússia ter cogitado entrar para a OTAN. Tal afirmação pode ser vista no discurso proferido por Ivanov em 2004 na Conferência de Segurança de Munique, na qual ele demonstra a insatisfação da Rússia com algumas políticas advindas do Ocidente:

And additional transparency is required not only of Russia, but of the Alliance as well. For example, we are being told that the NATO infrastructure being created in the countries of Eastern Europe is directed to providing for the Alliance the possibility of effective participation in the antiterrorist struggle. I readily agree that individual facilities in Bulgaria and Romania can be used as "run-up" bases for operations in the Near and Middle East. But please explain to me, for the fight against international terrorism in what region are the plans to deploy a military infrastructure of NATO in Poland or the Baltic states? (Munich Security Conference, 2004)

A visão dominante na Rússia tem o Ocidente como o grande “outro”. Sendo assim, a coadunação desta ideia identitária majoritariamente aceita de a Rússia ser uma grande potência somado ao fato de o Ocidente não reconhecê-la desta forma, que pode ser observada nas ações ocidentais que deixam a Rússia de fora das grandes decisões, culminam em uma inflamação no discurso estatista dentro da Federação (TSYGANKOV, 2013, p. 17).

Em 2007 há mais um momento de tensão entre a Rússia e o Ocidente com a possibilidade de se implementar a defesa antimísseis na Europa dos Leste. O anúncio de George W. Bush de que elementos do escudo antimísseis seriam implementados na Polônia e na República Tcheca fizeram com que a Rússia revivesse medos passados (SAKWA, 2008, p. 384). Apesar de o autor Tsygankov (2013) colocar que a identidade da Rússia estar ligada a um pragmatismo cooperativo, dando a ideia de que esse comportamento é híbrido. Aqui concorda-se em parte com essa asserção, tendo em vista que nem sempre há uma divisão na ação russa entre o pragmatismo e a cooperação. O motivo de concordar em parte com essa abordagem de Tsygankov se dá por conta da observação dos atos e do discurso russo a partir de 2007, onde quase não se vê cooperação, mas observa-se bastante pragmatismo. A cooperação não é completamente abandonada, mas o pragmatismo e a assertividade no segundo mandato de Putin parecem estar mais evidentes que o ímpeto cooperativo, que é retomado mais evidentemente com Medvedev. Essa asserção pode ser notada no discurso de Putin após o anúncio dos Estados Unidos sobre a instalação do escudo antimísseis:

If part of the U.S.' strategic nuclear arsenal is located in Europe and our military experts find that it poses a threat to Russia, we will have to take appropriate retaliatory steps... (RIA Novosti m, 2007).

Ainda nas palavras de Vladimir Putin:

Of course we will have to get new targets in Europe [...] We are told that it's for the defense of Europe. Has anyone asked Europe? Was there some kind of general European decision or even a decision in NATO, even for appearance's sake? No. They didn't want to ask anyone. (FT, 2007).

No mesmo ano, pode-se observar diante dos discursos oficiais que o governo da Rússia já estava empreendendo uma política mais pragmática e assertiva com relação ao Ocidente. Os laços de cooperação não foram rompidos, mas acredita-se aqui que, para ser reconhecida enquanto uma grande potência, a Rússia passa a ser mais pragmática em sua política externa a fim de atingir seus interesses nacionais. Isso fica claro no discurso de Vladimir Putin na Conferência de Segurança de Munique de 2007:

We are seeing a greater and greater disdain for the basic principles of international law. And independent legal norms are, as a matter of fact, coming increasingly closer to one state's legal system. One state and, of course, first and foremost the United States, has overstepped its national borders in every way. [...] I think it is obvious that NATO expansion does not have any relation with the modernization of the Alliance itself or with ensuring security in Europe. On the contrary, it represents a serious provocation that reduces the level of mutual trust. And we have the right to ask: against whom is this expansion intended?

Em 2008, a situação entre a Rússia e o Ocidente não melhora. O convite formal para que Ucrânia e Geórgia fizessem parte da OTAN quase levaram a uma ruptura entre as partes. A situação se degradou de tal forma que a Rússia chegou a ameaçar a Ucrânia, lembrando que a Ucrânia fazia parte da Rússia Imperial, portanto, é uma parcela territorial de grande valor ideológico para a Rússia. Para demonstrar o descontentamento com o passo dado pela OTAN pode-se observar nas palavras do General russo Yuri Baluyevsky: "Russia will take steps aimed at ensuring its interests along its borders,[...] These will not only be military steps..." (Reuters c, 11 de abril de 2008).

Entretanto, a Rússia parece sofrer ainda se um tipo de crise identitária. Com a chegada de Medvedev à presidência da Rússia, mais uma vez a Federação parece estar mais presente na cooperação com o Ocidente do que no confronto. Sob a administração de Medvedev a partir de 2008 a Rússia parece estar mais engajada com o Ocidente, especialmente no que tange a modernização de sua economia, e assim capitalizando sua relação com países ocidentais. Isso pode ser notado, especialmente, em dois episódios, o primeiro deles é a entrada da Rússia para a Organização Mundial do Comércio e a segunda é referente ao relativo

apoio que a Rússia confere a ações Ocidentais no conflito líbio em 2011 (TSYGANKOV, 2013).

No que tange o conflito na Líbia, como visto anteriormente, houve vozes dissidentes dentro da elite política russa, mas Medvedev demonstrou, se abstendo na votação da resolução 1973, que agiria em acordância com as normas internacionais, por vias multilaterais, a fim de defender os civis (HINCHEY, 2011). De forma ampla, pode-se dizer que a Rússia, de acordo com sua identidade pragmática cooperativa (TSYGANKOV, 2013) agira de maneira normal. Diante do exposto no capítulo anterior, a atuação da Rússia fora posta em um patamar de comparatividade. Comparamos o histórico da relação URSS/Rússia – Líbia, assim como fizemos o mesmo com a Síria, da mesma forma comparamos indicativos materiais, e em alguma medida fatores políticos entre esses dois países. Com isso, observou-se que, apesar de a URSS ter sido grande aliada de ambos os países em questão, e mais tarde a Rússia também buscou se reaproximar tanto da Líbia quanto da Síria, a Rússia apenas bloqueou ações na Síria. Além disso, viu-se que a relação da Rússia com a Líbia e com a Síria no pós-Guerra Fria fora retomada com uma certa lentidão, mas a reaproximação ocorreu e com ambos os países a relação comercial era crescente. Dessa forma, pode-se dizer que a relação da Rússia com estes dois países era bastante similar ao longo dos últimos anos. Então o que mudou desde a abstenção da resolução 1973 para o total bloqueio russo no caso da Síria?

Após os bombardeios à Líbia e do início da operação sob o comando da OTAN a Rússia se manifestara de maneira mais hostil. No mesmo ano tem início o que se chama de “primavera árabe” na Síria, e é quando a Rússia, mais uma vez se volta a uma maior assertividade na condução de sua política externa e se opõe com veemência a qualquer ação ocidental neste país. A motivação para tal atitude se mantém questionável e é por isso que será melhor analisada na próxima seção.

5.5. A Identidade Russa como Ignição para Ação na Síria

De acordo com o que fora discutido nos capítulos anteriores, aqui nesta seção será verificado o que pode ser considerado, de fato, um vetor, ou vetores para as ações russas diante da crise na Síria. Esta seção, então, se ocupa de tentar organizar e estabelecer vínculos entre os fatores já apresentados. Aqui se fará a tentativa de se criar um nexo entre os fatores propostos ao longo da pesquisa, e se estabelecer ligações entre a relação entre Rússia e Ocidente ao longo dos últimos anos, mais especificamente desde 1991 até o presente. Avaliar-se-á se a (re) construção identitária russa isso está conectada à presente atuação e ajuda russa ao governo sírio diante de uma crise humanitária.

Com base na pesquisa já realizada neste capítulo e em capítulos anteriores, a postura da Rússia com relação aos eventos da chamada “primavera árabe” parecem ambíguos. Ou seja, pode haver a percepção de que a Rússia ainda não possui um direcionamento em sua política externa bem conformada. A política externa russa pode parecer difícil de ser analisada e que parece incoerente se olharmos para sua atuação, e especialmente, para sua relação com o Ocidente nos últimos anos. Desde 1991, a Rússia tem apresentado, ora, um comportamento cooperativo, ora de confronto com o Ocidente (KUBICEK, 2000).

Alguns analistas conferem a essa aparente imprevisibilidade da Rússia à falta de formação de sua política externa, devido à falta de estabelecimento de uma identidade apropriada após o colapso da URSS. Desde o fim da Guerra Fria a Rússia estaria à deriva, sem saber quem é, o que quer, com quem se alinhar, não sabe se sua identidade cultural é europeia, ou eurasiânica, se pende para o Ocidente ou para o Oriente. Por essas dúvidas e outras, a Rússia parece, desde 1991, incoerente (LEGVOLD, 2001, p. 64).

Para tais analistas que consideram a Rússia incoerente e imprevisível, com uma política externa esquizofrênica, a justificativa está nos atos e nos discursos russos. Para esses mesmos, não faz sentido no início da década de 1990 a Rússia se alinhar ideologicamente com o Ocidente, e mais tarde se declarar contrária e ter reações tão hostis às políticas ocidentais. No entanto, o que esses analistas talvez não vejam é a possibilidade de uma mudança identitária russa, e não uma esquizofrenia, e a possibilidade de uma identidade que não se encaixe em determinados moldes, mas tenha se construído de forma híbrida. E isso é o que

sugere Tsygankov (2013) quando traz para a análise da identidade russa o “pragmatismo cooperativo” a partir de Putin, em larga medida.

As preferências dos políticos também não podem ser consideradas os únicos fatores relevantes para a conformação das políticas de um Estado. Tendo a Rússia como centro das atenções aqui, pode se notar alguma diferença no posicionamento externo, por exemplo, ao passo que mudam os presidentes. Entretanto, desde o primeiro mandato de Putin que a Rússia, com mais veemência busca ser reconhecida enquanto uma grande potência, essa é uma constante na equação, mas a forma como isso será feito que é a variável entre Putin e Medvedev (MANKOFF, 2008, p. 43).

Aqui toma-se como aceitável a premissa de Tsygankov (2013) de que desde 2000 a identidade russa é pragmática cooperativa. Contudo, não se concorda que o desenvolvimento dessa identidade para a atuação na política externa será compartilhada da mesma forma por Putin e por Medvedev, tendo-se que Putin parece ter, em seus três mandatos, sido mais pragmático do que cooperativo. Enquanto isso, Medvedev é considerado mais ocidentalista do que Putin buscou um caminho mais cooperativo com o Ocidente do que pragmático, mais ainda assim manteve a busca por reconhecimento da Rússia enquanto uma grande potência, mas de um jeito diferente (MANKOFF, 2008). Devido a essa diferença nas preferências dos governantes russos pode-se inferir o porquê de Medvedev não ter vetado a resolução 1973 no Conselho de Segurança e de Putin ter tido uma posição diferenciada sobre o mesmo assunto.

Para além das visões dos governantes, a socialização entre a Rússia e o Ocidente é um fator de extrema relevância aqui. Não há nada pré-definido, o contexto social em que se inserem também dará o tom da dinâmica entre as partes, podendo ser um contexto mais propício a cooperação ou ao afastamento. No que tange as identidades dos atores, o “outro” estabelece o “eu”, e como esse “eu” atuará em determinado contexto. Pelas ações do “outro” o contexto ou imaginário social pode ser destruído e substituído por outro (TSYGANKOV, 2013).

Sendo assim, analisando-se as contribuições teóricas e históricas neste e em outros capítulos pode-se confirmar que a atuação da Rússia diante da crise na

Síria não está instanciada apenas por questões materiais e estratégicas localizadas neste país. O contexto de interação da Rússia com o Ocidente nas últimas décadas culminaram em uma socialização que abrem espaço para um retorno a um contexto social anterior, ao de Guerra Fria. Como contribui Primakov (2013) para esta abordagem, o poder das ideias e dos imaginários é algo que não deve ser descartado. Para Primakov, o fim da Guerra Fria não causou o fim dos conflitos de ideias entre os Estados Unidos e Rússia, por exemplo. Isso ficou notável a partir do padrão de atuação da Rússia estabelecido com a pesquisa acerca do caso da Líbia. A partir do estudo do comportamento da Rússia no similar caso da Líbia, percebe-se que a relação entre URSS/Líbia/Síria e mais tarde Rússia/Líbia/Síria, são bastante similares em diversos aspectos. Dessa forma, pode-se notar que no que tange a questão da Líbia, mesmo havendo interesses materiais envolvidos, a Rússia não utilizou seu poder de veto no Conselho de Segurança para defender o regime da Líbia.

A relação entre Rússia e Ocidente desde 1991 passaram por algumas variações, desde um alinhamento ideológico, que não durou muito, a uma assertividade, para uma cooperação pragmática. No entanto, a busca por uma identidade de grande potência não se alterou muito nesse cenário, mas passou de uma busca para uma certeza e, por conseguinte, uma projeção de que a Rússia é uma grande potência (FREIRE, 2012).

Dessa forma, a hipótese defendida aqui é a que a posição russa no atual cenário de crise está relacionada com fatores materiais, mesmo que em menor medida, mas que o principal fator é a sua identidade de grande potência que está em jogo. O que não se sabe é a medida que o governo russo avalia sua posição dentro do cenário internacional. O que se tem de mais concreto é que a Rússia busca o reconhecimento enquanto uma grande potência, mas não se sabe se isso será realizado. Até o presente momento, não há como colocar dados concretos se a Rússia busca ser apenas uma grande potência ou uma potência capaz de bloquear os Estados Unidos, por exemplo. Como coloca Trenin (2012), a questão é sobre quem decide na nova ordem mundial. A partir dos vetores apontados anteriormente: identidade, interesses e imaginário social, pode-se apontar um retorno da Rússia a um imaginário político e social com contornos de uma grande

potência. O fato de a Rússia se considerar uma grande potência e não ser reconhecida dessa maneira pelo Ocidente, e continuar a ser tratada como uma potência derrotada exacerba sua vontade por reconhecimento a todo custo, e por isso começa a “mostrar os dentes” (KAGAN, 2008).

O contexto em que se dá a dinâmica entre Rússia e Ocidente desde o fim da Guerra Fria é propício para que se lembre da Guerra Fria, onde as potências não entravam em guerra diretamente, mas eram as patrocinadoras dos conflitos na periferia. Além disso, as diversas ações advindas do Ocidente que desagradaram a Rússia podem ter sido grandes responsáveis para explicar a sua atual posição mais assertiva. A última investida ocidental que desagrada a Rússia fora a intervenção armada na Líbia, que também era aliada russa desde os tempos de Guerra Fria. O nexos entre os vetores apontados levaram a reconstituírem um imaginário de uma grande potência para a atuação da Rússia, que a leva a ter discursos e atos que bloqueiem quaisquer ações ocidentais em suas antigas zonas de influência. Essa ideia pode ser observada em discursos como o do vice-Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Genady Gatilov:

In our contacts with partners in NATO and in the region, we are calling on them not to seek pretexts for carrying out a military scenario or to introduce initiatives such as humanitarian corridors or buffer zones (...) (Huffington Post a, 2012)

Ou seja, mesmo após meses de intenso conflito na Síria, com a morte de aproximadamente cem mil pessoas, em nenhum momento a Rússia se preocupa com uma intervenção (CBS News, 26 de junho de 2013). Diferentemente do caso líbio, no qual a Rússia não vetou a resolução com a justificativa de proteger os civis. Porém, após sentir-se traídos mais uma vez pelo Ocidente, a Rússia não deixará outra intervenção ocidental ocorrer dentro de suas áreas de influência desde a Guerra Fria. Isso fica claro na posição de Lavrov:

We hope there will be no foreign interference [...] Our partners touched upon the Syrian situation and assured us they were seeking an exclusively peaceful solution [...] They said a military solution to the conflict was non-existent – and we fully agreed with them. Syria is not Libya [...] For us, any violations of international agreements in this area are unacceptable... (Russia Today g, 2012).

O que se pressupõe aqui é que o caso da Síria está relacionado a questões mais amplas do que, simplesmente questões estratégicas limitadas. A posição da Rússia diante da questão da Síria está relacionada a sua postura, pelo menos, desde 2000, de assegurar sua posição de grande potência no cenário internacional, como pode ser notado no documento oficial de segurança nacional:

Russia's national interests in the international sphere lie in upholding its sovereignty and strengthening its positions as a great power and as one of the influential centers of a multipolar world, in development of equal and mutually advantageous relations with all countries and integrative associations and primarily with the members of the Commonwealth of Independent States and Russia's traditional partners, in universal observance of human rights and freedoms and the impermissibility of double standards in this respect. [...]Russia's national interests in the military sphere lie in protection of its independence, sovereignty and state and territorial integrity, in the prevention of military aggression against Russia and its allies and in ensuring the conditions for peaceful and democratic development of the state (National Security Concept of Russian Federation, 2000).

Nesse sentido, cabe afirmar que o fato de desde 2011 a Rússia vociferar contra qualquer intervenção internacional na Síria guarda relação com a manutenção com o seu interesse de salvaguardar sua posição especial no Oriente Médio (LUKYANOV, 2013). No entanto, uma outra questão pode ser colocada dentro do cálculo acerca da postura do governo de Putin diante da crise na Síria que é o seu posicionamento no âmbito das operações de paz. Para Mackinlay e Cross, durante o primeiro mandato de Vladimir Putin, o governo russo se afasta, em alguma medida, de operações de paz unilaterais populares na década de 1990, muito em decorrência de questões orçamentárias (2003, p. 196). E ainda que a partir de 2000 o governo de Vladimir Putin se engaja mais ativamente em operações de paz por meio das Nações Unidas, e se aproxima, neste âmbito da OTAN (p. 198). Entretanto, discordamos desta afirmação, em alguma medida, dado que no último mandato de Vladimir Putin, as relações de seu governo com a OTAN, por exemplo, encontram-se um tanto abaladas. Dessa forma, pode-se dizer que, o governo russo continue na esteira de pensamento negativo com relação às operações de paz, especialmente onde considera que sejam suas esferas de influência, como é o caso da Síria. Nesse sentido, o posicionamento russo diante

de operações de paz pode, também, iluminar a resposta da pergunta central da presente pesquisa, tendo em vista que, o fato de se posicionar desta maneira frente às operações de paz no que considera suas esferas de influência, de alguma forma, corrobora com a hipótese que este vetor está ligado a constituição de sua identidade enquanto uma grande potência.

Além disso, o fato de a Rússia se considerar uma grande potência assim como fora a União Soviética, colocando a Síria como aliado especial dentro de uma zona de influência faz com que a Federação haja tal como se estivesse substituindo, de alguma forma, a URSS. Sendo assim, a Rússia age de maneira similar, e aqui considera-se que a continua entrega de armamentos ao governo sírio, mesmo diante de críticas internacionais é um exemplo disso, assim como sua oposição ao embargo de armamentos à Síria (RIA Novosti n, 2011). Nas palavras de Vladimir Putin:

Only sanctions imposed by the U.N. Security Council can serve as a basis for limiting weapons supplies [...] In all other cases, nobody can use any pretext to dictate to Russia on how it should trade and with whom... (Huffington Post b, 2012).

Para além de uma questão estratégica, interligada a interesses materiais, a Síria acabou se tornando um baluarte dos áureos tempos da Guerra Fria. Portanto, a Rússia não quer perder a Síria, não quer perder espaço e influência no Oriente Médio. O conflito sírio tornou-se um embate político e diplomático entre Ocidente e Rússia com contornos de Guerra Fria (PHUKOV, 2012). Vale ressaltar que os interesses materiais também são considerados, mas para além disso, Bashar al-Assad é o último aliado da Rússia na região, após a deposição de Saddam Hussein e Qadhafi.